



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

NIVALDA SILVA DE SANTANA

SINTAXE ESTRUTURAL:
IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Cajazeiras –PB
2012

NIVALDA SILVA DE SANTANA

**SINTAXE ESTRUTURAL:
IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro Formação da Universidade Federal de Campina grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro

Cajazeiras – PB
2012



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S232s Santana, Nivalda Silva de
Sintaxe estrutural/Nivalda Silva de Santana.
Cajazeiras, 2013.
51f.

Orientador: Onireves Monteiro de Castro.
Monografia (Especialização) – UFCG/CFP

1. Língua Portuguesa – Sintaxe. 2. Sintaxe Estrutural.
I. Castro, Onireves Monteiro dell. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 811.134.3

NIVALDA SILVA SANTANA

SINTAXE ESTRUTURAL: IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA


Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Aprovada em 33 / 12 / 2012

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro - Orientador



Profa. Dra. Alvanira Lucia de Barros - Examinadora



Prof. Ms. Magnay Erick Cavalcante Soares - Examinador



DEDICATÓRIA

Aos meus colegas de curso: Abdoral Inácio Silva e Dione Pereira Dantas que não mediram esforços para compartilharem dos saberes adquiridos, mesmo em momentos de cansaço e sacrifícios.

Às Irmãs Escolares de Nossa Senhora, em especial as de minha comunidade religiosa, que fortaleceram e apoiaram minha caminhada.

[...] a sintaxe encontra-se em má situação [...] os problemas de sintaxe são de maior importância para a compreensão da língua e de sua evolução, considerando-se que, de todas as formas da língua, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos atos da fala” (BAKTHIN, 2006, p.146).

AGRADECIMENTOS

Ao professor e amigo, Onireves Monteiro de Castro, que esteve sempre ao meu lado nesta trajetória de especialização, apoiando-me, estimulando e contribuindo com referenciais teóricos na elaboração dos trabalhos e nos estudos.

Aos meus professores de Especialização em Língua Portuguesa, cuja sabedoria e comprometimento muito contribuíram na aquisição de novos saberes.

Ao Deus da vida, que me acolhe na minha totalidade de mulher consagrada e me ajuda a colocar meus dons a serviço da vida para humanizar a terra.

Contudo, diante de todas as dificuldades encontradas e superadas, deixo aqui um trecho da música de Michael Sullivan, que expressa o desejo de externar, o que no momento não encontro palavras para dizer. "Tudo o que tem que ser será."

O Teatro Mágico

O Teatro Mágico

Sintaxe À Vontade

Composição: Fernando Anitelli

Sem horas e sem dores
Respeitável público pagão
a partir de sempre
toda cura pertence a nós
toda resposta e dúvida
todo sujeito é livre para conjugar o verbo que quiser
todo verbo é livre para ser direto e indireto
nenhum predicado será prejudicado
nem tampouco a vírgula, nem a crase nem a frase e ponto final!
afinal, a má gramática da vida nos põe entre pausas, entre vírgulas
e estar entre vírgulas pode ser o posto
e eu aposto o oposto que vou cativar a todos
sendo apenas um sujeito simples
um sujeito e sua oração
sua pressa e sua verdade, sua fé
que a regência da paz sirva a todos nós... cegos ou não
que enxerguemos o fato
de termos acessórios para nossa oração
separados ou adjuntos, nominais ou não
façamos parte do contexto da crônica
e de todas as capas de edição especial
sejamos também o anúncio da contra-capas
mas ser a capa e ser contra-capas
é a beleza da contradição
é negar a si mesmo
e negar a si mesmo
pode ser também encontrar-se com Deus
com o teu Deus
Sem horas e sem dores
Que nesse encontro que acontece agora
cada um possa se encontrar no outro
até porque...tem horas que a gente se pergunta...
por que é que não se junta
tudo numa coisa só?

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade fazer conhecer os pressupostos norteadores da Sintaxe Estrutural e suas implicações pedagógicas no processo de ensino aprendizagem da língua materna. A ideia de função sintática e seus níveis no processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa são o fundamento do que chamamos implicações pedagógicas para o ensino. O termo sintaxe está sendo tomado aqui a partir de estudos diversos, tendo em vista, no intento, as considerações apresentadas em Borba (1979), como sendo aquelas mais significativas para a nossa proposta. O estudo é de natureza bibliográfica e, foi estruturado em três partes constitutivas. Em princípio, mostraremos os diversos conceitos sobre sintaxe, até chegar aos pressupostos do que consideramos Sintaxe Estrutural. No segundo capítulo retomamos a discussão sobre as bases fundamentais da sintaxe e fazemos conhecer a nossa visão técnicas sintáticas e suas relações com a semântica. No terceiro capítulo, buscamos tratar das implicações pedagógicas a partir dos níveis sintáticos. Além do autor formal com o qual estabelecemos a ancoragem, outras referências teóricas sobre o tema são estudadas, a saber: Rocha Lima (1972), Pasquale e Ulisses (2003), Celso Cunha (1985), Perini (2009) e Castilho (2010), especialmente quando estabelecem tipos distintos de sintaxe e enfatizam a multiplicidade de escolhas disponíveis para o ensino por parte do educador. Conclui-se que a sintaxe estrutural é um importante auxílio ao educador para marcar um princípio constitutivo de análise a partir de elementos mínimos do período é importante o seu conhecimento no nível escolar, sobretudo, por parte dos educadores que poderão introduzir a análise estrutural, mesmo em se tratando de análise de estruturas mínimas. Com o seu auxílio, cremos, os alunos terão ao dispor um princípio norteador para melhor compreender a língua fazendo sentido.

PALAVRA CHAVE: Sintaxe; Sintaxe Estrutural; Implicações Pedagógica

ABSTRACT

This study aims to understand the guiding assumptions of Syntax Structural and pedagogical implications in the teaching learning of the mother tongue. The idea of syntactic function and its levels in the teaching of the Portuguese language learning are the foundation of what we call pedagogical implications for teaching. The term syntax is being taken here from various studies, with a view in mind, the considerations presented in Borba (1979), as being those most meaningful to our proposal. The study is the nature and literature, was structured into three constituent parts. In principle, we show the various concepts of syntax, until we consider the assumptions of Structural Syntax. In the second chapter we resume the discussion on the fundamentals of syntax and we know our vision techniques syntactic and semantic relations with. In the third chapter, we seek to address the pedagogical implications from the syntactic levels. Besides the formal author with whom we establish the anchor, other theoretical references on the subject are studied, namely: Rocha Lima (1972), Pasquale and Ulysses (2003), Celso Cunha (1985), Perini (2009) and Ataliba (2010), especially when they make different types of syntax and emphasize the multiplicity of choices available for teaching by the educator. We conclude that the structural syntax is an important aid to the educator to score a constitutive principle of analysis from elements minimum period is important to your knowledge level in school, especially from educators who may introduce structural analysis, even when it comes to analysis of minimal structures. With their help, we believe, students are offered a guiding principle to better understand language making sense.

KEY WORD: Syntax; Structural Syntax; Pedagogical Implications

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	11
CAPITULO I	
2. UM POUCO DE HISTÓRIA.....	14
2.1 SINTAXE : CONCEITOS FORMAIS.....	17
2.1.1 CONSTRUÇÕES IMPORTANTES DO PORTUGUÊS.....	21
2.1.2 ORDEM DOS TERMOS.....	22
2.1.3 CONSTRUÇÕES ORACIONAIS E SUBORDINACIONAIS.....	23
2.1.4. NOTAÇÃO DO SUJEITO.....	24
2.1.5 AS CONSTRUÇÕES E AS DESCISÕES DA LÍNGUA.....	24
2.2 OBJETO E TIPO DE SINTAXE.....	27
2.2.1 SINTAXE TRANSFORMACIONAL.....	28
2.2.2 SINTAXE PSICOLÓGICA.....	28
2.2.3. SINTAXE ESTRUTURAL.....	29
CAPITULO II	
3. POSTURAS TEÓRICAS E METODOS.....	30
3.1 A ANÁLISE SINTÁTICA.....	32
3.2 UNIDADE SINTÁTICA.....	33
3.3 AS TÉCNICAS SINTÁTICAS E COMPATIBILIDADE SEMÁNTICA.....	33
CAPÍTULO III	
4 A FUNÇÃO SINTÁTICA.....	37
4.1 NÍVEIS DE ANÁLISE NA SINTÁXE ESTRUTURAL.....	38
4.2 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	50

APRESENTAÇÃO

Percebe-se pouco interesse pelo estudo de Gramática entre alunos e professores, especialmente quando se refere a estrutura sintática da Língua Portuguesa. A Gramática Tradicional continua sendo amplamente empregada em muitos contextos de ensino e aprendizagem da língua materna. Muitas são as teorias e linhas de pensamento sobre o fato.

No intuito de oferecer uma nova forma de estudar as estruturas gramaticais, a Gramática Gerativa vem se preocupando com a questão estrutural, mostrando todas as transformações ocorridas na frase e por serem utilizadas, tais estruturas, em um nível maior de abstração, a estrutura profunda, passou por ser o seu componente constitutivo ideal.

Estamos buscando aprofundamentos sobre o termo sintaxe e seu princípio norteador no que consideramos ensino aprendizagem de língua materna. Portanto, ao aprofundar os estudos sintáticos, tendo como suporte os objetivos gerais do ensino de língua portuguesa, especialmente os postulados dos Parâmetros Curriculares Nacionais, implicam uma série de orientações. Em se tratando dos referenciais Curriculares Nacionais, existe neles, diversas demonstrações sobre o que, de fato, o professor precisa saber/conhecer para proporcionar aos alunos um ensino mais qualitativo.

Das várias estruturas sintáticas de uma língua, a função que uma palavra exerce na frase, compete ao ramo de estabelecimento fundamental sobre a língua que a entende do ponto de vista das relações sociais que o indivíduo está inserido. Portanto, na formação da frase, as palavras poderão ser diferentes devido ao convívio social do aluno, é impreterível que o professor possa adaptar as relações sociais com a estrutura sintática formal da língua.

É fato que ao longo da vida do estudante, muito se tem a aprender; e quando se refere a Sintaxe, é lamentável dizer que o aluno termina os estudos dos diversos níveis de escolaridade e não domina o processo de emprego das classes gramaticais, e conseqüentemente não domina o uso formal da escrita e não *estabelece relações coerentes quanto a análise formal em termos da frase (ou seu estudo).*

A escola é o lugar onde as trocas de conhecimento se manifestam mediadas pelos procedimentos empregados pelos educadores para dar aos alunos as referências essenciais para interagirem em níveis variados de construções frásticas e suas análises.

Várias referências teóricas sobre o tema serão objeto de nossas considerações para discorrer sobre assunto. Faremos, especialmente, ancoragem mais central nas concepções de Borba (1979), quando estabelece tipos distintos de sintaxe e enfatiza a multiplicidade de escolhas disponíveis para o ensino por parte do educador. Outros serão objetos de nossos estudos, a saber: Rocha Lima (1972), Pasquale e Ulisses (2003), Celso Cunha (1985), Perini (2009) e Castilho (2010).

Para o atendimento de nossa perspectiva fundamental, estabelecemos o objetivo geral de fazer conhecer os pressupostos norteadores da Sintaxe Estrutural e suas implicações pedagógicas. Para atender ao objetivo aqui proposto o nosso texto foi estruturado em três partes constitutivas. Em princípio, trataremos de fazer conhecer os diversos conceitos sobre sintaxe, indo de pontos de vistas mais formais e relativos aos processos de ensino normativo, para então, apresentar os pressupostos do que consideramos Sintaxe Estrutural.

Uma segunda parte retoma a discussão sobre as bases fundamentais da sintaxe para fazemos conhecer a nossa visão mais restritiva das técnicas sintáticas e suas relações com a semântica.

No terceiro capítulo, buscamos tratar das implicações pedagógicas a partir dos níveis sintáticos. Nesse caso essas implicações serão tratadas de pontos de vista díspares, mas complementares para ilustrar as possibilidades do trabalho efetivo com o procedimento estrutural de ensino e aprendizado da sintaxe.

Por fim, serão relacionadas em termos conclusivos as nossas impressões mais formais sobre o que foi tratado no estudo sobre sintaxe estrutural.

O nosso ponto de vista será dado a conhecer e, assim, podemos determinar a abertura de novas pesquisas sobre o tema como forma imperadora potencial aos que se preocupam com o ensino aprendizagem de componentes gramaticais da língua.

CAPÍTULO I

2. UM POUCO DA HISTÓRIA

Iniciamos a nossa pequena abordagem sobre os constituintes formais do que consideramos pertinente ao nosso tema, convictos de que, nenhum ser humano, falante de qualquer língua, necessita ter conhecimento teórico de sua gramática para falar. (Uma sintaxe).

Estamos conscientes de que a fala é uma realidade interativa imediata e se estabelece em grau distinto aos componentes de sua representação escrita e, mesmo assim, obedece a certos elementos peculiares ao que chamamos sintaxe da língua, sem os quais os ordenadores de sentido seriam inoperantes.

Assim, somos inclinados a considerar que a pessoa ao aprender a estrutura da frase em sua língua, não precisa necessariamente, saber as normas gramaticais para exercer comunicação. De certo, os usuários de uma língua fazem uso dela observando-se um sem número de regras que a fazem significar. E, portanto, uma sintaxe.

Por outro lado, a preservação da língua culta na manutenção do “status” da língua oficial, implica a adoção das ferramentas que ajudam a aprofundar estas normas. Elas são relacionadas em termos teóricos como sendo a sua sintaxe de origem nativa.

A palavra sintaxe vem do grego e remete à parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e das frases no discurso, incluindo a sua relação lógica entre as múltiplas combinações possíveis para transmitir um significado completo e compreensível.

Seu principal objetivo é apresentar as regras que caracterizam uma das modalidades da língua, a norma culta, ou seja, aquela variedade utilizada em contexto de maior formalidade.

Os primeiros passos da tradição europeia no estudo da sintaxe foram dados pelos antigos gregos, começando com Aristóteles, que foi o primeiro a dividir a frase em sujeito e predicado. Um segundo contributo fundamental deve-se a Frege (1903)

que critica a análise aristotélica, propondo uma divisão da frase em função e argumento. Deste trabalho fundador, deriva toda a lógica formal contemporânea, bem como a sintaxe formal.

No século XIX, a filologia dedicou-se, sobretudo, à investigação nas áreas da fonologia e morfologia, não tendo reconhecido o contributo fundamental de Frege, que só em meados do século XX foi verdadeiramente apreciado.¹

De acordo com Borba, (1979), é evidente que as relações sintáticas fazem parte da linguagem humana, e qualquer reflexão sobre esta, envolverá a sintaxe. De fato, as primeiras reflexões dialéticas sobre a linguagem feita no Oriente partiram da Grécia e focalizava a unidade lingüística por excelência o signo – mas, frequentemente o colocavam no texto, relacionando com outro(s). Já o Crátilo, quando Sócrates expõe a Hermógenes e a correspondência entre som e coisa, diz que as sílabas se reúnem para formar os “onômata” e o “ rhêmata”, isto é os sujeitos e predicados com os quais se consegue, “um belo e unitário conjunto semelhe ao retrato realizado pela pintura que quer dizer discurso.”

Os estóicos tentaram montar uma teoria da oração quando definem predicado (Symbama) e seus tipos. Apolônio Díscolo (Séc.II d.C) inclui a sintaxe como parte da Gramática , tece novos comentário sobre a oração e o encadeamento delas na frase. Na idade média, Prisciano (gramático latino do sec. VI d.C), faz nascer a Gramática de Dionísio e de Díscolo instituindo uma ponte entre a Antiguidade e a Idade Média. Dos seus dezoito livros, os dois últimos são dedicados à sintaxe.

A Gramática de Port Royal (1660) enfoca a oração do ponto de vista lógico e psicológico. É o nascimento da Sintaxe Psicológica.

Os gramáticos franceses do século VIII (ex. Beauzée) veem a língua como sistema lógico e analítico por isso dão lugar de relevo a Sintaxe lógica e psicológica, op.cit, p.9.

Até o início do século XIX, a sintaxe não era muito aprofundada, uma vez que os linguístas priorizavam a Fonética e a Morfologia. A sintaxe era vista como mero emprego das formas ou ainda como resíduos dos estudos filológicos. Só no final do

¹<http:pt.Wikipédia.Org/wiki/sintaxe>

século XIX, é que aparecem as primeiras preocupações com as sistematizações dos estudos sintáticos.

O interesse pela forma e pela investigação do significado leva ao interesse pela frase como forma expressiva autônoma mínima e, daí ao interesse pela sintaxe

Na Rússia, com os estudos de Meshchaninov, a ciência da linguagem chega ao estágio moderno e apesar de conceder igual importância à forma e ao conteúdo, coloca os estudos sintáticos em primeiro plano, acima da Morfologia. Cf. (Borba, 1979).

É preciso observar que: A contribuição mais importante para os estudos sintáticos se deve ao estruturalismo.

Para Saussure, a Gramática se ocupa do sistema de valores coexistentes e compreende a inter-relação da Morfologia, da Sintaxe e da Lexicologia. Por isso não pode haver separação entre Morfologia (estudo das formas) e Sintaxe (estudo das funções). As relações sintagmáticas e associativas são os únicos princípios em que se assenta o estudo gramatical, daí o resultado a solidariedade entre forma e função (Borba, 1979).

Para Borba, (1979 cf. p.65) apud Hjelmslev (1976,) as relações sintagmáticas não são necessariamente lineares, não se deve confundi-la com uma simples sucessão temporal. Há uma estrutura hierárquica de constituintes. É por isso que alguns estruturalistas falam numa ordem estrutural. No entanto, Saussure, op.cit., p.64-65). vê relações sintagmáticas em todos os níveis da estrutura linguística, mas a concepção semântica dessas relações impede-o de chegar até ao nível fonológico para estudar as possibilidades combinatórias dos fonemas mais modernos. Já pesquisador Jakobson diz que a linearidade do discurso é mais uma questão de substância do que da forma, o que limita o sintagmático ao plano da fala, embora os padrões sintagmáticos estejam na língua. (cf. Saussure, C.L.G,1962)

O linguísta francês, Tesnière chama a atenção para a interdependência dos elementos do enunciado. Na frase abaixo:

“Preso o carrasco do esquadrão que matou quinze.”(manchete de primeira página da Folha de São Paulo, de 9 / 8 / 77). Percebe-se claramente que a ordem

estrutural não coincide com a sucessão temporal e pode dar margem a ambiguidade.

Autores deste do século XX como alguns que veremos a seguir dão continuidade aos estudos de sintaxe e nos apresentam conceitos de sintaxe .

Borba (1979, p.03) afirma o seguinte:

Qualquer teoria linguística deve começar por privilegiar os dois aspectos fundamentais da linguagem: o componente fonológico e o componente sintático. A teoria fonológica selecionará, dentre os aspectos físicos da fala aquilo que tem importância para a língua e, portanto investigará como os sons relevantes se organizam.

Outros pesquisadores conceituam formalmente a sintaxe como veremos a seguir.

2.1 SINTAXE: CONCEITOS FORMAIS

De acordo com Michaelis (2008, p.779), Dicionário Escolar de Língua Portuguesa, a palavra sintaxe significa: “parte da Gramática que ensina o dispor as palavras para formar as orações, as orações para formar os períodos e parágrafos, e estes para formar o discurso”.

Para Antonio Soares Amora (2009, p.680), Mini Dicionário da Língua Portuguesa, sintaxe é:

Parte da Gramática que trata da função e disposição das palavras na oração, das disposições das orações no discurso e da boa construção gramatical. Ainda é a maneira de organizar as palavras no discurso; construção frasal. Livro que trata das regras da sintaxe.

Para Aurélio Buarque de Holanda (2001, p.638) sintaxe é “parte da Gramática que estuda a disposição das palavras na frase e das frases no discurso”.

Aurélio afirma frase como definição da palavra que forma sentido completo, sentença; e discurso é, para ele, uma exposição metódica sobre certo assunto; arrazoado².

Considerando os postulados de Cunha e Cintra (1972), em seu livro, Nova Gramática do Português Contemporâneo, podemos dizer que o mesmo evita discussões teóricas que não tragam muitos esclarecimentos sobre sintaxe, porém conceituam sintaxe dizendo que é "A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar frase, denomina-se sintaxe" (Cunha, 1972, p.116).

O estudo da frase e dos elementos que a constituem pressupõe o conhecimento de alguns conceitos nem sempre fáceis de definir, essa dificuldade resulta não só da própria natureza do assunto, mas também das diferenças dos métodos e técnicas adotados pela Linguística Clássica e pelas principais correntes da linguística contemporânea (Cunha 1972, p.117).

Aqui, notamos que Cunha (1972), já externa uma preocupação em admitir um estudo mais aprofundado da sintaxe, não se conformando somente com o conceito em si, mas que era preciso maior apreço pelo estudo.

Rocha Lima (2001, p.232), a respeito de sintaxe, conceitua as várias classes gramaticais começando por tratar de definir a frase. Assim:

Frase é uma unidade verbal com sentido completo e caracterizada por entonação típica: um todo significativo, por intermédio do qual o homem exprime o seu pensamento e/ou sentimento. Pode ser brevíssima constituída apenas por uma só palavra, ou longa e acidentada englobando vários e complexos elementos.

²Discurso oral ou escrito, que tem por fim defender uma causa.

Igualmente para Pasquale e Ulisses (2003, p.333), em sua Gramática da Língua Portuguesa, conceitua sintaxe assim:

A sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existam para combinar palavras e orações.

Para os mesmos autores, sintaxe é ainda:

Perini (2009, p.62), em sua Gramática Descritiva da Língua Portuguesa, expõe o seguinte: "Sintaxe é a parte da Gramática que estuda as orações e suas partes - ou seja, a estrutura interna da oração".

Para Perini op.cit.,p.62 o conceito mais convincente de sintaxe é o oferecido por Matoso Câmara,(2009)

Frase é utilizada de maneira geral para designar uma unidade do discurso bastante difícil de definir. A conceituação oferecida por Matoso Câmara é provavelmente a melhor, embora não chegue a ser uma definição plenamente satisfatória PERINI (2009,p.61 apud Matoso,2009)

Perini (2009, p.62 apud Câmara, 2009), diz que sintaxe é:

Unidade de comunicação linguística, caracterizada [...] do ponto de vista comunicativo - por ter um propósito definido e ser suficiente para defini-lo, e do ponto de vista fonético - por uma entonação [...] que lhe assinala nitidamente o começo e o fim.

Perini op.cit, p.62 acrescenta que a frase é delimitada por uma maiúscula no início e por certos sinais de pontuação (.! ?) no final.

O autor conceitua cada tipo de orações: imperativas, interrogativas abertas e fechadas; exclamativas, declarativas, optativas e depois fala da função sintática, quando coloca sua visão sobre a estrutura interna das orações é que fala da hierarquia dos constituintes.

A estruturação hierárquica dos constituintes da oração é representada em árvore. No entanto, Perini (2010) em sua Gramática de Uso do Português Brasileiro, ao introduzir o capítulo sobre sintaxe, um dos instrumentos básicos é a noção de construção. Para definir sintaxe, Mário Perini analisa duas frases e explica os detalhadamente a saber:

1. *A Carminha beliscou o Pedro.*
2. *A diretora da escola reprovou o meu sobrinho.*

Em um sentido gramaticalmente importante, elas têm a mesma estrutura gramatical, porque ambas

- ✓ Começam por um sintagma nominal (a Carminha / a diretora da escola).
- ✓ Logo em seguida vem um verbo (beliscou / reprovou);
- ✓ Depois vem outro sintagma nominal (o Pedro / o meu sobrinho).

Nos dois casos:

O primeiro sintagma nominal designa a pessoa que praticou uma ação (a ação de beliscar) em [1], e a de reprovar, em [2]; e o segundo sintagma nominal designa a pessoa que sofreu a ação. (Perini, 2010, p.49).

Com esse exemplo podemos observar que sintaxe está intrínseca na semântica, e vice versa, e que para uma melhor compreensão da sintaxe é necessário estudar sempre vinculada à semântica.

No exemplo anterior podemos observar o seguinte:

a) Ex. Uma = Artigo / Numeral

de + as = preposição + artigo

lojas = substantivo

fechou = verbo

uma = Artigo / Numeral

de + as = preposição + artigo

lojas = substantivo

Nota-se que sintaticamente são as mesmas classes gramaticais contidas nas duas frases, porém invertidas, nesse caso, elas são *ergativas* pois o sujeito continua sendo paciente em ambas.

2.1.3 Construções Oracionais

Nem todas as construções são oracionais. A oração se compõe de um SN, seguido de um verbo, seguido de outro SN. Mas esses SNs, por sua vez também têm estrutura interna, e essa estrutura é uma construção.

Ex: Esse menino arranhou o carro da Alice.

SN = Sujeito Agente Paciente + V + SV

Temos: O carro de Alice. SN

Esse sintagma se compõe de três constitucionais e se analisa formalmente como:

[O] [carro] [da Alice]

Podemos observar a função sintática de cada palavra na construção da frase.

Cada um destes constituintes tem uma função sintática e também uma função semântica, tal como ocorre nas construções oracionais vistas. O constituinte *carro* nos oferece a referência básica do sintagma; e o constituinte *da Alice*, singulariza o carro, ajudando o receptor a identificá-lo. Sintaticamente, *o* é determinante, *carro* é núcleo e *da Alice* é o modificador. (Perini, 2010 p.53)

2.1.4 A notação do sujeito

Pegando a construção transitiva, SN = Sujeito Agente, +V +SN=Paciente.

Nota-se que essa formulação exige a presença de um SN antes do verbo, SN esse que se analisa como sujeito. Ex: *Eu comi a pizza* → Encaixa-se nessa definição, mas a frase: *Comi a pizza* → Não tem um SN (sujeito) antes do verbo. Essa frase é composta apenas do verbo (*comi*) e de um SN depois do verbo.

2.1.5 As construções e a descrição da língua

Mário Perini (2010) cria o símbolo H como “sujeito ou sufixo, de pessoa - número do verbo ou os dois. O autor justifica que ainda não possuímos uma lista de todas as construções existentes na língua, mas já podemos ver a importância que as várias construções fazem para a descrição da Gramática do Português. Ao escolher o verbo **espancar** tem uma acepção, e ao escolher o verbo **apanhar** (no sentido de ser violentado), tem outra acepção.

Ex: a) João espancou Daniel. → Construção transitiva → H =
Agente +V + SN +Paciente

O verbo apanhar (descrevendo um ato de violência) não pode ocorrer na construção transitiva; pois ocorre em uma construção em que o Paciente (não o Agente) é o sujeito, e o agente aparece como um sintagma introduzido pela

preposição “*de*”; aqui temos uma construção de derrota, que pode ser reformulada assim já adotando a formulação definitiva com o H.

b) Daniel apanhou do João. → Construção de derrota,
H=Paciente+V + Agente de SN.

As possibilidades não param por aí. A mesma cena - mesmo Agente, mesmo Paciente, mesma ação - pode ser descrita usando o verbo bater, mas a construção é outra.

Ex: O João bateu no Daniel.

Assim, podemos dizer que o João, se for sujeito do verbo **espancar** tem o papel temático de **Agente**; se for sujeito do verbo **engordar** e não houver objeto na oração, tem papel temático de **Paciente**; se for objeto de espancar, é paciente; e se for sujeito de ter é possuidor.

Como se vê, o papel temático do sintagma *João* depende estritamente da construção em que se encontra, assim como o verbo que o governa. O sintagma *João* fora do contexto oracional, não veicula papel temático nenhum.

Isso exprime a relação especialmente íntima que existe entre alguns constituintes da oração (os complementos) e o verbo, ao passo que os adjuntos são autônomos, sendo acrescentados livremente à oração sempre que semanticamente adequados.

Cada verbo é marcado no léxico como podendo ocorrer em algumas construções, mas não com outras. Isso diferencia os verbos em grande número de subclasse e essa subclassificação precisa ser conhecida para que possamos falar corretamente a língua.

É importante lembrar que o falante não se comunica isoladamente com palavras soltas. Ele vai construindo orações para que haja comunicação. Porém, vale ressaltar que palavras com sentido completo como: “silêncio”; “socorro” e outras, já vêm carregadas de significados, então, nesse caso há comunicação sem construção oracional.

Castilho (2010), em sua Gramática de Uso da Língua Portuguesa, fala de Propriedade Sintática a saber:

A) Propriedade sintática I = Sentença é um conjunto de sintagmas. Tratando da sentença como uma unidade sintática, diz Castilho (2010, p.250) apud Gili y Gaia (1961),

“[...] o núcleo da unidade sintática é, para nós, um verbo em forma pessoal. [...] o infinitivo, o gerúndio e o particípio não são formas pessoais, e por isso não constituem orações por si só”. [...] Borba (1979 apud Gali y Gaia (1961) destaca a importância do sistema verbal na constituição da sentença, agregado que o núcleo do sistema tem que ser “uma forma pessoal.

A Oração, portanto é “uma classe de sintagmas de ordem hierárquica situada acima dos sintagmas tais como os da cláusula, e abaixo dos sintagmas tais como os parágrafos e o discurso” Borba (1979) apud Longacre, (1960/1968: 145).

Para Longacre, (op.cit) o sintagmema é qualquer construção, sendo o tagmema o elemento de uma construção. Os sintagmas compreendem cinco níveis o tema (radical + vogal temática), a palavra, a frase (=sintagma), a cláusula (=oração simples) e a oração Borba(1979) apud Longacre,1960/1968:20). O parágrafo e o discurso são considerados como “níveis passíveis”. A oração pode encerrar uma só cláusula ou uma combinação de cláusulas. (Castilho, 2010 p.250)

B) Propriedade sintática II: A sentença é um conjunto de funções atribuídas aos sintagmas. Uma definição funcional ampla é a que considera a sentença como expressão da atitude do falante com respeito à coisa dita (= modus). O dictum é gramaticalmente codificado pelo sujeito e seu predicado. O modus é codificado por meio da supra- sedimentais (entonação afirmativa, interrogativa, imperativa, exortativa,dubitativa), meios morfológicos (morfema modais do verbo) e meios lexicais (verbos, adjetivos e advérbios modalizadores).[...] a sentença, portanto, encerra duas grandes funções sintáticas, a de sujeito e a de predicado, o que acarreta uma estrutura bimembre em sua organização gramatical.

[...] Preposição é usada na lógica para designar a reunião do sujeito ao predicado, sucedeu que muitos gramáticos passaram a especializar esse termo, destinando-o à designação do conteúdo que decorre dessa operação lógica, e sentença, oração, frase para sua codificação gramatical. “Sujeito e predicado integram, portanto, a essência mesma da estrutura funcional da sentença.”. (p. 250-251).

O sujeito psicológico é a primeira quantidade de idéias existente no consciente do que fala, do que pensa, e a ela associa-se uma segunda, o predicado psicológico. O sujeito é aquele que percebe e o predicado é o apercebido. (p..251)

Em Borba (1979) apud Mussalim e Bentes (2006, p. 209), a sintaxe se distingue claramente tanto da Fonologia quanto da Morfologia pela unidade linguística que constitui o seu foco de análise que é a sentença.

Ataliba (2010, p. 253) escreve que a conceituação de sentença em nossas Gramáticas guarda algumas relações com a de Apolônio e Díscolo quis dizer sobre oração perfeita. “Sentença é um conjunto de palavras com sentido completo ou é um grupo de palavra que expressam um pensamento ou um juízo completo. A sentença é ainda, um conjunto de papéis temáticos acionados pelo verbo”.

2.2 OBJETO E TIPOS DE SINTAXE

Afinal, de que trata a sintaxe? É objetivo de a sintaxe estudar as palavras associada na frase. Examina:

A função das palavras e das orações no período (análise sintática); as relações de dependência das palavras na oração, sob o aspecto da subordinação (sintaxe de regência); as relações de dependência das palavras sob o ângulo da flexão (sintaxe).³

de concordância); a disposição ou ordem das palavras e das orações no período (sintaxe de colocação).

Borba (1979, p. 97) diz que o “objeto central da sintaxe é a oração que não é um simples fato de fala porque não é produto de um momento transitório e nem é

³ [Hhttp://Indoc2004.blogspot.com.br/2005/09/algmas-definies.htm](http://Indoc2004.blogspot.com.br/2005/09/algmas-definies.htm)

totalmente determinada pela situação individual. A oração pertence a língua porque é um modelo abstrato cuja estrutura depende do sistema gramatical da língua.

Do mesmo modo que a palavra tem, na língua, uma significação conceitual e só na fala se refere à realidade objetiva, assim também a oração, como modelo abstrato (op.cit p. 97)

Para Borba (1979) há três conceitos de sintaxe com objetivos distintos e nomes diferenciados: *Sintaxe Transformacional*, *Sintaxe Psicológica* e a *Sintaxe Estrutural*.

2.3.1 A Sintaxe Transformacional:

Tem por objetivo central uma teoria da linguagem que seja capaz de explicar todas as facetas do comportamento linguístico do falante nativo de uma língua. Deverá demonstrar como os falantes são capazes de associar uma significação a uma cadeia de sons. Descrever e associar a natureza, dessa forma o morfema como unidade básica, tratando a sequência de morfemas, em nível vocabular, como uma associação constitui o objetivo essencial da teoria sintática e como teoria, seu grau de objetividade e de generalidade é o mais avançado possível. Daí sua natureza abstrata e o método dedutivo. A *Sintaxe Transformacional* procura construir modelos, ou seja, entidades gerais que, refletindo as propriedades fundamentais do sistema que descrevem, são capazes de gerar objetos sintáticos: as orações e em síntese, busca compreender os princípios gerais da construção das orações pelas quais se veicula um sentido através de uma sequência fônica.cf Borba (1979 p.97).

3.3.1 Sintaxe Psicológica:

Voltada para uma teoria da oração tentando compreender sua natureza e composição para chegar a uma taxionomia das partes do discurso. Partindo de uma concepção mentalista da linguagem, tem caráter psicológico justamente por apoiar-se

nas intenções do falante, fator exterior ao sistema lingüístico em si. O método utilizado é de natureza introspectiva e, ainda que se ocupe muito de orações particulares, seu objetivo principal é chegar à a, tenta explicar suas relações semânticas classicamente rotuladas como sujeito, predicado, objeto e atributo, operando como conceito lógico e psicológico, toma sempre a estrutura da oração gramatical como determinada pelas leis do juízo. A interpretação e a explicação de fatos sintáticos se baseiam quase exclusivamente na forma lógica de os componentes da oração se agrupam em torno de seus elementos nucleares: o sujeito e o predicado. É a atitude do falante que determina a alteração de padrões e as construções similares. cf Borba (1979 p.97).

A sintaxe Psicológica se preocupa também com a parte externa da organização oracional - a ordem das palavras e acidentes comuns como concordância e regência.

2.3.2 Sintaxe Estrutural:

Procura compreender a natureza das relações sintáticas, a partir da estrutura interna da oração. Tem caráter sintagmático por focalizar a combinatória de analítico e, portanto, interessa-se fundamentalmente por critérios e técnicas de segmentação e de identificação.

O modelo analítico adquire a forma de matriz, ou seja, o modelo abstrato ou arranjo ordenado de casas estruturais que serão preenchidas por unidades adequadas. Nesse sentido toda sintaxe será estrutural e deverá descrever não somente os diversos padrões oracionais existentes na língua, mas também as relações entre os elementos gramaticais que os compõem.

A *Sintaxe Transformacional*, busca compreender os princípios gerais da construção das orações; a Sintaxe Psicológica, procura compreender a estrutura oracional em termos de partes no discurso e a Sintaxe Estrutural busca compreender as relações sintáticas no enunciado. Cf. BORBA, (1979 p.97)

2.4 MÉTODO DA SINTAXE ESTRUTURAL

2.5 O método tido com os dois processos de formação do pensamento que são:

Indução: Partir dos dados ou fatos para chegar as ideias.

Exige dados para observação e seleção.

Dedução: Sistematizar as ideias.

Ideias que se submetem a discussão e regularidades da Língua (p. 56)

CAPITULO II

3. POSTURAS TEÓRICAS

De acordo com Borba (1979), dos postulados teóricos de Saussure, talvez o mais fecundo para a elaboração do método estrutural em Linguística tenha sido a dicotomia língua / fala, como sua realização individual e concreta. o mesmo autor (op.cit 1979) as três características básicas de qualquer estrutura são, *totalidade*, *a transformação* e *a auto-regulação*. E, do ponto de vista da abordagem sintática, a questão é ímpar para se poder elaborar um pensamento mais estável sobre os possíveis processos de análise. Será explicado mais adiante.

Para melhor determinar o que o nosso autor estabelece com a as noções de *totalidade*, *transformação* e *autorregulação* é preciso entender cada uma dessas noções em seu contexto específico. Assim, em se tratando da *totalidade*, a ideia é a de que a totalidade dos elementos constitutivos de uma construção da língua não é uma simples agregação ou oposição dos constituintes, visto que, no contexto em que aparecem, seus elementos interdependem e tiram suas funções das leis do conjunto.

A segunda característica é a *transformação*, nela a língua é dinâmica, pois é capaz de transformar-se por si mesma e disso tirar seu próprio equilíbrio. A terceira característica é a *Autorregulação*, no sentido de que tem leis próprias que se conservam dentro de determinados limites (Cf.op.cit.,p.53).

As colocações metodológicas gerais do Estruturalismo permitem delinear as grandes tarefas da Sintaxe Estrutural, focalizando a oração como uma entidade material (fônica) e como uma estrutura analisável em componentes que se relacionam de algum modo. Todas as considerações sobre relações sintáticas serão atribuídas ao fator tempo. A sintaxe implica sincronia e o sincrônico é a língua em funcionamento e só a sintaxe, é capaz de colocar o signo em atividade e sua descrição de relações sintagmáticas será prioritária, se bem que o grau de

prioridade dado a cada um dos dois eixos varie de uma corrente estruturalista para outra (op.cit.,p. 55).

A indução e a dedução constituem os métodos a partir dos quais a abordagem analítica de uma estrutura da língua é possível. O método de *indução* parte dos dados ou fatos para chegar às ideias exige dados para observação e seleção. Por sua vez, o método da *dedução* sistematiza as ideias que se submetem a discussão e regularidades da língua op. cit., p. 56.

No que se refere a :

a) Totalidade: Enquanto se opõe à simples agregação visto que seus elementos interdependem e tiram suas funções das leis do conjunto.

b) Transformação: A língua é dinâmica, pois é capaz de transformar-se por si mesma e disso tirar seu próprio equilíbrio.

c) Autorregulação: No sentido de que tem leis próprias que se conservam dentro de determinados limites.

As colocações metodológicas gerais do Estruturalismo permitem delinear as grandes tarefas da Sintaxe Estrutural:

1. Focaliza a oração como uma entidade material (fônica) e como uma estrutura analisável em componentes que se relacionam de algum modo.
2. O sincrônico é a língua em funcionamento e só a sintaxe, é capaz de colocar o signo em atividade.

A descrição de relações sintagmáticas será prioritária, se bem que o grau de prioridade dado a cada um dos dois eixos varie de uma corrente estruturalista para outra.

3. 3.1 ANÁLISE SINTÁTICA

Por causa do pressuposto de que a língua é entidade segmental, a noção de análise é comum à diversas correntes estruturalista.

“[...] pela segmentação se dividem as cadeias de unidades de um nível em cadeias de unidade de nível inferior.” Como exemplo da análise dos morfemas resulta os fonemas: TÁXI = 1 morfema, TAKSI= 5 fonemas; e pela **diferenciação** se distingue unidades superiores que tem a mesma representação num nível inferior.

Ex: De plural e de segunda pessoa → Cantas (neste caso a letra “S” não há plural, mas há indicação de pessoa e modo.

Casas (o “S” é indicativo de plural).

Pelo agrupamento se verifica como unidades de um nível inferior podem representar uma mesma unidade em nível superior. Como exemplo, os morfemas (a) / (i), Benzer (pode ter participio benzido ou não =bento), soltar (soltado participio/solto= não).

Para os sintaticistas poderem lançar mão de várias técnicas, o procedimento é o sempre o mesmo: a substituição de um elemento por outro. Por exemplo, isola-se o sintagma verbal, por substituição, com base na recorrência do sintagma nominal.

Ex: O cachorro → late. O cachorro é fiel. →O cachorro está no quintal. →O cachorro come carne.

Borba (1979) apud Garvin,1972).– parte do princípio de que , em sintaxe, há categorias distintas de correspondências entre a forma e o conteúdo.

São elas as funções oracionais, ou seja, as significações relacionais estabelecidas na oração tais como sujeito, predicado e objeto.

Exemplo:

- a) "Teresa Batista, estrela candente do samba, fulgurante imperatriz do rebolado, finalmente estréia na noite do Paris Alegre."
- b) "Teresa Batista, finalmente estréia na noite do Paris Alegre."
- c) "Teresa Batista, estréia na noite do Paris Alegre."
- d) Teresa - oração mínima. Isto quer dizer que a forma é constituída pelas classes definidas morfologicamente e o conteúdo, pela relação ao nível da construção.

Neste pressuposto podemos refletir sobre a unidade sintática de acordo com o pensamento de Borba.

3.2 UNIDADE SINTÁTICA

Para Borba, *op.cit.*, todo fato sintático depende de uma série de vinculações sincrônicas e também pertence a um sistema de simultaneidade. O conceito de Unidade Sintática é uma abstração que tem valor operacional.

"[...] é bilateral, isto é, precisa combinar uma expressão com um conteúdo e precisa ser recorrente, reprodutível e repetível na fala por qualquer falante, por ser uma entidade da língua."

Para que a bilateralidade de combinar uma expressão com o conteúdo, aconteça, existe técnicas que auxiliam neste processo que vai desencadear no conceito de estrutura que linguisticamente denomina-se sintagma

3.3 AS TÉCNICAS SINTÁTICAS

As técnicas sintáticas são três: apagamento, substituição e expansão.

A técnica do apagamento consiste em omitir, em cortar as partes que são desnecessárias. Geralmente essas partes são os *adjetivos* e os *advérbios*, ou frases equivalentes a eles.

Ex: O vatapá, forte de gengibre, age sobre a gente.”

O vatapá age sobre a gente.

O vatapá age.

(AMADO, Jorge *Dona Flor*, p,210)

A técnica da substituição consiste em substituir uma sequência por outra e comparar o resultado com o original, o que permite verificar que umas substituições são possíveis e outras não, é nessa técnica que:

Ex: 1) “Dona Flor deixava-se enganar fácil.”

2) “Dona Flor ia contrita.”

3) “A mulatinha passava a rebolar-se.”

(AMADO, Jorge *Dona Flor*,)

E a técnica de expansão é um tipo de substituição em que um segmento menor é substituído por outro maior.

Ex: 1) Dona Lisa saía.

2) Dona Lisa saía com o industrial.

3) “Dona Lisa saía pelo braço do industrial.”

(AMADO, Jorge *Dona Flor*, p,210)

O conceito de estrutura pressupõe o de relação fundamental que é uma unidade relacional por excelência. Qualquer combinação de elementos num determinado nível da estrutura linguística constitui um sintagma.

Ex: a) in+ dócil → indócil

Sintagma aqui é conceituado como estrutura binária cujos componentes se relacionam como determinante e determinado. Em relação à palavra, o sintagma tem menor unidade de sentido, mas maior liberdade formal. (cf Borba, p.63-64).

Na concepção Saussuriana o sintagma se apóia em pressupostos como, linearidade do discurso. As unidades linguísticas se sucedem linearmente, uma após as outras, e se associam no fluir da fala porque tem aí uma posição relativa.

Ex: O presidente disse que todas as acusações não passam de intriga da oposição

Na existência de níveis, o sintagma é formado por unidades de classes formalmente compatíveis. Dois morfemas podem constituir um sintagma. Ex.

(Meu gato) mas não um morfema (Ex: meu) e um fonema ex.: (/g /) (meu / g /).

Para haver um sintagma, é necessário haver combinatória semântica. Ex: desfazer e descolar; são sintagmas porque resultam da junção do prefixo negativo combinável com o valor semântico das bases verbais *fazer e colar*. No entanto, para haver recorrência, cada componente pode aparecer várias vezes em várias combinatórias.

- 1) Ex: in → inútil, impossível, inábil
- 2) 2) Ex: o carro, meu carro, aquele carro azul.

Alguns destes pressupostos restringem o grau de abrangência sintagmática.

Os americanos bloomfieldianos de Copenhagen compreendem sintaxe neste sentido acima supracitado, mas os linguistas de Praga não vêem assim. Para eles a Morfologia e Sintaxe são dois níveis de abstração gramatical, que aparecem na análise dos fatos. Se uma oração é decomposta em seus constituintes vocabulares, tais segmentos não são unidades do plano morfológico do mesmo modo que a mera soma de unidades morfológicas não constitui uma oração. Por isso tanto morfológico quanto o sintático têm um plano paradigmático e um sintagmático: O plano paradigmático morfológico estuda as suas oposições sintáticas. Já o plano

sintagmático morfológico trata da combinação de palavras para formar orações e o plano sintagmático sintática analisa as combinações de orações.

Os linguístas do Círculo Linguístico de Copenhague não só ignoraram a diferença entre morfologia e sintaxe como também prescindem do conceito de sintaxe por duas razões principais:

1. Todas as unidades e seus agrupamentos devem ser definidos a partir de um único tipo de relação – paradigmático.
2. Os diferentes expedientes usados pelas línguas para expressão de relações construcionais devem ter uma descrição simplificada. Borba, (1979, p.65)

CAPITULO III

4. FUNÇÃO SINTÁTICA

Para o estabelecimento da função em sintaxe é preciso compreender o período. Assim a sintaxe de período simples é a parte da Gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si. Ao emitir uma mensagem verbal, o emissor procura transmitir um significado completo e compreensível. Para isso, as palavras são relacionadas e combinadas entre si. A sintaxe é um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Em Borba (1979, p.66-67), o termo função é um dos mais ambíguos da Linguística Estrutural: são as relações sintagmáticas que permitem descobrir as funções. A função sintática identifica-se com o estatuto ocupado por uma unidade em contraste com outras funções também presentes no enunciado, todas envolvidas no processo de comunicação; a função sintática analisa as combinações de orações.

Sintaxe comporta três grandes tipos de função que em termos glossemáticos constituem a *solidariedade* que resulta da pressuposição recíproca entre duas constantes, é a interdependência entre os termos. Por exemplo, o gênero sempre se incorpora ao nome.

A *seleção* que é a relação entre uma constante e uma variável. Como veremos neste exemplo: Adjetivo pressupõe substantivo, mas não ao contrário. Nesse sentido posso dizer: Aquele *carro quebrado* é da professora. Não posso dizer: Aquele *quebrado* carro é da professora.

Ainda temos a terceira função que é a da *combinação* em que há conjunção de duas variáveis sem implicação mútua. Ex: Pedro é *muito* alto. – a relação entre o intensificador e o adjetivo, é possível, mas não é necessário porque o adjetivo pode prescindir dele e por sua vez pode referir-se ao advérbio também.

4.1 NÍVEIS DE ANÁLISE

A - PRIMEIRO NÍVEL: SEGMENTAÇÃO

Na segmentação, a Linguística Estrutural admite a autonomia da sintaxe apesar de tomar as relações sintagmáticas como fundamentais. As unidades mínimas não são consideradas como sintaxe, essas unidades são formas livres, sendo o campo típico da Sintaxe, o estudo da combinatória dessas formas.

O primeiro nível, macros segmentos que constituem o discurso, cujas características são: ser entidade fonética delimitada por junturas especiais e atualizada pela intonação⁶; comporta concatenação de unidades formais; ser expressão de uma predicação e ter estruturação com grau variável de complexidade.

B - SEGUNDO NÍVEL: ORAÇÃO OU FRASE

A oração ou frase diferencia-se do enunciado por ter uma forma independente mínima e constituir uma unidade de enunciação. A diferença entre enunciação e oração se baseia no grau de independência estrutural. Sendo que o enunciado pertence à fala e a oração a língua (sistema). Borba (1979, p 69-79 apud Palmer (1958.) aduz que o *enunciado* por frase pertence à fala e aparece como unidade mínima de comunicação; segmento da fala pronunciado como uma entonação anterior à pausa; realização concreta de uma ou mais orações.

A oração pertence à língua e será esquema que contem espaços sintaticamente funcionais, isto é, estrutura – espaço onde se encaixam unidades ativas ou “partes da oração”.

Ex: Os espaços funcionais sujeito e predicado fornecem uma estrutura vazia *_S+P_* que combinam “partes da oração.”

Tipo→ Nome e verbo (SN +P ou SV), produz esquema oracional capaz de gerar diversos enunciados.

Ana dorme

“ O aguilhão feriu o focinho.” (G. Rosa, Sagarana, p. 37)

“ Um tio seu ocupava o posto de delegado.”

(AMADO, Jorge *Dona Flor*, p,70)

C - TERCEIRO NÍVEL: CONSTRUÇÃO OU INTONAÇÃO

Construção ou intonação entre formas livres, com intonação específica. O enunciado é uma forma acabada de comunicação já completada pelo contexto e pela situação.

Exemplo: “Todo mundo sabe que se trata de mais uma miséria de Libório, mas nada pode ser feito.”

(AMADO, Jorge *Dona Flor*, p.29)

Uma oração só se tornará enunciado quando preencher essas condições.

Exemplo: Todo mundo sabe(algo) 2.(que) trata-se de mais uma miséria de Libório. 3.(mas) nada pode ser feito.

Os termos *sintagma*, *enunciado*, *oração* e *construção* variam muito quanto ao valor em cada uma das tendências estruturalistas. Neste exemplo o sintagma funciona como termo genérico para construção oração ou frase.

Exemplo de construção 1a - todo mundo;

1b - sabe (algo) ;2- Trata-se.

2b - (de) mais uma miséria de Libório. ;3 a - nada; 3b - pode ser feito

O enunciado, oração ou frase e construção é uma hierarquia e sempre combinam formas livres.

Quanto a classificação, a Sintaxe Estrutural distingue dois níveis classificatórios: *Classes de formas e Expedientes sintáticos*, a partir dos quais se estruturam os tipos frasais. As classes de formas ou classes de palavras vem ser estabelecidas a partir de critérios puramente formais e funcionais.

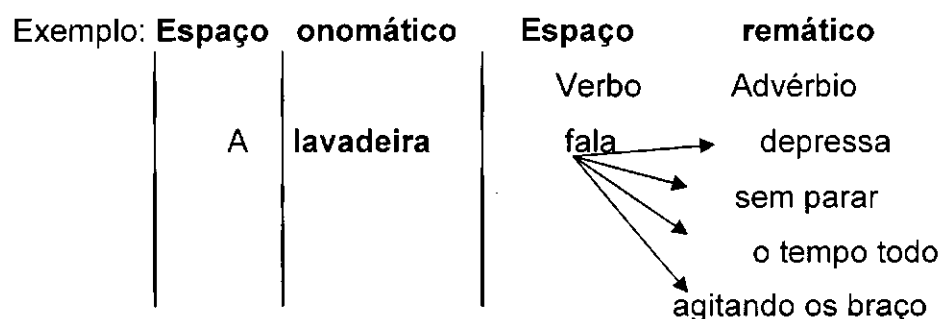
Para Borba (1979) (apud Hjelmslev 1976, p.202-219), as categorias funcionais resultam da combinatória entre semantemas e morfemas e são formas providas de significação gramatical. Tradicionalmente se reconhecem cerca de dez Classes gramaticais. Do ponto de vista formal apenas seis não se, superpõem: (substantivos, verbos, advérbio, preposição, conjunção). Logo se descartam: *Artigo*: Comporta-se como morfema de concretização, não constitui uma categoria funcional que reúne semantemas de função idêntica. *Numeral*: categoria semântica. (Um numeral, artigo, pronome indefinido) *Interjeição*: Categoria Semântica. Pode se constituir uma subcategoria do advérbio. O *pronome* constitui um problema mais delicado por sua independência, por não se comportar uniformemente como categoria e por várias anomalias funcionais. Talvez deva ser constituído na categoria dos nomes Borba (1979 p.74-75) apud Hjelmslev op.Cit.,.). A *preposição e a conjunção* se agrupam com o advérbio, estando na função a diferença entre eles: (intransitiva para o advérbio e transitiva para a preposição e conjunção).O *substantivo* funciona comumente como termo primário; o *adjetivo* como termo secundário, *verbo*, funciona comumente como termo secundário. *Advérbio* como termo terciário, no entanto, o *pronome* funciona como primário e secundário e o *artigo* é um morfema de concretização, e pode verificar sua relação com cinco categorias fundamentais: Substantivo + artigo; artigo+ adjetivo; artigo; advérbio – artigo; Verbo – artigo.

A categoria dos pronomes é sempre abstrata e não admite artigo, por isso tem caráter indicativo e mostrativo. Ex: esse homem. (cf BORBA 1979, p. 74-75)

Dessa forma, se chega a cinco categorias fundamentais: substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio intransitivo e transitivo, (o intransitivo corresponde à preposição e a conjunção).

A estrutura da oração comporta constituintes ocupados por partes de oração ou classes ativas de constituição mórfica variável.

Palmer fundamenta as classificações anteriores no conceito de espaço o preenchimento de espaços funcionais fornece duas classe fundamentais: onomática = nominal e remática= verbal.



Para Borba (1979 p.76) as partes da oração, têm valor puramente operacional. (veja acima)

Borba, (1979) (apud, Fries 1940, p. 76) acha insuficiente a divisão tradicional das partes do discurso. E, defende que em sintaxe, a função prevalece sobre a forma e as classes são classes funcionais e se agrupam em duas grandes categorias: as *fundamentais* e as *funcionais*. **As categorias fundamentais:**

Uma tarefa da Sintaxe Estrutural é determinar o valor e a natureza das relações estabelecidas entre os componentes oracionais sem preocupar-se com a análise do conteúdo geral da oração. Para tanto, terá de partir de posturas como as seguintes: Se o falante/ouvinte constrói mensagens ou as recebe relacionando significados, a tarefa do analista será descobrir relações sintático-semânticas no enunciado.

Uma estrutura não exprime uma relação semântica entre seus componentes, mas indica que há uma relação a partir dos sentidos constituintes ou algum outro elemento (contexto, situação).

Exemplos:

Amarrou o cavalo ao tronco.

Amarrou a cara.

As relações estruturais e relações semânticas não precisam coincidir.

Esse princípio traz várias consequências: No enunciado denotativo as duas relações coincidem.

Exemplo:

"Arreganha os beiços num tremendo sorriso de dentes amarelo"

↑ _____ ↑ ↑ _____ ↑ ↑ _____ ↑

As relações estruturais podem ser diferentes e não afetar as relações semânticas.

Em: A ave voa.

O vôo da ave.

É o que se vê nas construções ativas e passivas. Exemplos:

A baratinha comia um tomate podre.

SN1 V1 SN2

Um tomate podre era comido pela baratinha.

SN2 aux-pp SN1

As direções estruturais das duas frases se opõem, mas as relações semânticas continuam intactas: a barata é sempre o agente e o tomate, sempre o paciente!

As relações semânticas podem prender-se a elementos de construções diferentes.

Com o **adjetivo** em relação ao **substantivo**:

“E prosseguiu o rato: _ Tão diferente é de tudo quanto tenho visto em minha vida roedora”. (M. Fernandes,F.F., p. 89)

Mesmo que não coincidam, as relações estruturais delimitam e tornam precisas as relações semânticas, sendo também verdadeira a recíproca. Em:

Peguei uma gripe.

Peguei um lápis.

Peguei um ladrão.

No exemplo acima, são as relações no sintagma que determinam o valor semântico do verbo **pegar**.

Diante dos pressupostos teóricos que acabamos de ver, ficou muito nítido que em algumas colocações dos autores, trazem conflitos para o ensino de Língua Portuguesa. assim, podemos verificar várias implicações pedagógicas, especialmente no que se refere ao ensino de gramática sem maior relevância reflexiva.

4.2 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Cunha e Cintra (1972, p.116) em sua Nova Gramática do Português Contemporâneo, define sintaxe “**como parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar frase.**” Segundo Pasquale & Ulisses (2003, p.333). “A sintaxe se ocupa do “**estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos**”.

Perini (2009, p.62), em sua Gramática Descritiva da Língua Portuguesa expõe o seguinte: “Sintaxe é a parte da Gramática que **estuda as orações e suas partes** - ou seja, a estrutura interna da oração”.

Falando de análise sintática no que se refere a segmentação nas gramáticas, dividem as cadeias de unidades de um nível em subcadeias de unidades de um nível inferior. Borba (1979) diz que da análise dos morfemas resultam os fonemas, assim no exemplo a seguir temos: Ex. TÁXI = 1 morfema TAKSI= 5 fonemas

Outro problema, Borba op.cit , distingue unidades superiores que tem a mesma representação num nível inferior.

Ex: De plural e de segunda pessoa → Cantas (não há plural mas há indicação de pessoa e modo → casas (o S é indicativo de plural)

Neste sentido podemos recorrer a Câmara Jr. (2009 p. 27) quando coloca a função das palavras homônimas. [Usamos pata para locomoção de quadrúpedes e pata para feminino de pato.]

Borba (1979, p.73) apud Hjelmslev (1976, p.202-219) diz que: “A Sintaxe Estrutural distingue dois níveis classificatórios: o da classe de formas e o dos expedientes sintáticos a partir dos quais se estruturam os tipos frasais”. diz que as categorias funcionais resultam da combinatória entre semantemas e morfemas. As categorias funcionais são categorias formais providas de significação gramatical, tradicionalmente se reconhecem cerca de (dez Classes gramaticais).

Do ponto de vista formal apenas seis não se, superpõem: (substantivos, verbos, advérbio, preposição, pronome conjunção)

Logo se descartam:

Artigo: Comporta-se como morfema de concretização, não constitui uma categoria funcional que reúne semantemas de função idêntica.

Numeral: categoria semântica. (*Um numeral, artigo, pronome indefinido*)

Conforme Câmara Junior (2009, p.77-78) O numeral não deveria fazer parte da classe dos artigos, indefinidos, pois em todas as circunstâncias da frase quando se diz *um* está se referindo ao numeral e não a um artigo.

Portanto, ensinar divisão de artigo como definido e indefinido não é conveniente (grifo nosso).

Interjeição: Categoria Semântica. Pode se constituir uma subcategoria do advérbio.

Nessa classificação, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), foi incoerente, pois usou a expressão “classificação das palavras” quando deveria ter dito “classificação dos vocábulos, já que ela inseriu o artigo e os conectivos (preposição e interjeição); criou uma classe para um só morfema (o artigo), deixando sem classificar inúmeros vocábulos e expressões sob o rótulo de “palavras denotativas”, como: “eis, também, somente, inclusive”, dentre outras; considerou as interjeições como palavras, quando na verdade são frases de situação, como “Socorro, Valha-me Deus”.⁷

O **pronome** constitui um problema mais delicado por sua independência, por não se comportar uniformemente como categoria e por várias anomalias funcionais. Talvez deva ser constituído na categoria dos nomes Hjelmslev (1976, p.328-338)

A **preposição** e a **conjunção** se agrupam com o advérbio, estando na função a diferença entre eles: (intransitiva para o advérbio e transitiva para a preposição e conjunção). Dessa forma, se chega a cinco categorias fundamentais: substantivo, *adjetivo, pronome, verbo e advérbio intransitivo e transitivo*, (o intransitivo corresponde à preposição e a conjunção).

Segundo Hjelmslev haverá tantas categorias funcionais quantas forem as categorias de morfemas combináveis com as cinco categorias propostas:

1 - **Substantivo:** Funciona comumente como termo primário. Em si, tratando de Morfema lexical para o uso dos substantivos, e recebe - uma implicação pedagógica, uma vez que a norma não funciona para todos os substantivos.

Ex: Gata = feminino

Gato= Masculino

Lápis,

Vaca,

2 - **Adjetivo:** Funciona comumente como termo secundário

3 - **Pronome:** Funciona como primário e secundário.

4 - **Verbo:** Funciona comumente como termo secundário.

5 - **Advérbio:** Funciona comumente como termo terciário.

6- **O artigo:** É um morfema de concretização, e pode verificar sua relação com cinco categorias fundamentais: Substantivo + artigo; artigo+ adjetivo; artigo; advérbio – artigo e Verbo – artigo .

A categoria dos pronomes é sempre abstrata e não admite artigo, por isso tem caráter indicativo e mostrativo. Ex: Esse homem.

Borba (1979) apud Fries (1940), acha insuficiente a divisão tradicional das partes do discurso. Em sintaxe, a função prevalece sobre a forma. As classes são funcionais e se agrupam em duas grandes categorias as fundamentais e as funcionais:

1) **As categorias fundamentais:**

Classe I (Substantivos); **Classe II** (Verbos); **Classe III** (Adjetivos); **Classe IV** (Advérbios)

1) As categorias funcionais

GRUPO A: Determinantes; **GRUPO B:** Modais; **GRUPO C:** Negação **GRUPO D:** Intensificadores; **GRUPO E:** Conjunções coordenativas; **GRUPO F:** Preposições; **GRUPO G:** Interrogativos; **GRUPO H:** Conjunções subordinativas ;

Esses traços diferenciam os funcionais das outras quatro classes, e possuem características que permitem ao falante reconhecer o valor funcional de cada unidade no discurso. O que Borba (1979), vai chamá-lo de expedientes sintáticos.

4.2.2 OS EXPEDIENTES SINTÁTICOS:

Segundo Borba(1979), Os expedientes sintáticos permitem ao ouvinte ao ouvinte aperceber as relações entre os elementos constitutivos da estrutura da frase.

Esses expedientes variam muito e são do tipo segmental como: os morfemas de relação e os flexionais que assinalam a concordância; tipo supra-segmentais como a intonação ,o acento.e as junturas Há tipos que não têm manifestação mórfica como a ordem e a pré-suposição.

Quanto à ordem, em português, certos itens lexicais têm significação e classificação dependente da posição do sintagma.

Ex: 1- Certo homem ≠ Homem certo
2- Algum homem≠ de homem algum

Porém, há situações em que mudando a ordem os sintagmas não interfere na Significação.

Ex: Choveu ontem = Ontem choveu.

A *Significação léxica* bem delimitada e independente da função gramatical adquirida na estrutura de que a unidade faz parte. Na *afixação*, cada uma das quatro classes pode ser intensificada pelos afixos exclusivos, flexionais ou derivativos. Ex:

O sufixo **S** marca o plural dos nomes, mas não o plural dos verbos. Posso dizer: os nomes; **casas**, **patos**, mas não é permitido dizer os verbos: **partirs**, **cantars**... etc.

também há sufixos derivacionais típicos de:

- *Substantivos* (agem: folhagem; edo: arvoredos);
- *Adjetivos* (ês ; francês; oso: gostoso)
- *Verbos* (ear; folhear, itar; vomitar)

Segundo Borba (1979), apud Câmara Junior 1970,p 87.) sufixos "mente" marca advérbios, os sufixos de gênero caracterizam o nome.

Câmara Junior chama a atenção para os sufixos de gênero "Dizer que "INHA", "TRIZ " ou "AO" são flexão de gênero é confundir com derivação". Ex: Galin**ha** deveria ser o diminutivo de galo e não feminino. Perdiz**ão** é o aumentativo masculino da Perdiz.

De acordo com Borba (op.cit), às vezes a combinatória é o único meio para identificar as classes e as funções na estrutura linguística. A combinação entre essas diversas classes permite identificar classes de forma. Ex: I. O adjetivo se combina com o nome.

Ex: 1 – roda gigante

N → Adj

Os modais combinam com os verbos.

Ex: Querer brincar; poder falar...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sintaxe de uma língua é a forma mais singular para que os seus usuários estabeleçam sentido, fazendo combinara as palavras.

A tarefa da Sintaxe Estrutural é determinar o valor e a natureza das relações estabelecidas entre os componentes oracionais sem preocupar-se com a análise do conteúdo geral da oração. Pode ser que aqui exista um pouco do seu limite, mas não invalidada, se emprego nos níveis mais específicos da abordagem analítica de orações simples.

A Sintaxe Estrutural da qual tratamos no presente estudo, pode servir como elemento essencial e coadjuvante no auxílio ao educador para marcar um princípio constitutivo de análise a partir de elementos mínimos do período.

Se por um lado, a Sintaxe Estrutural tem um limite quanto ao seu objeto formal, (sem análise de conteúdo), por outro lado, é uma ferramenta capaz de fornecer ao analista instrumento seguro para ir do nível mínimo ao mais complexo da análise.

Assim, é importante o seu conhecimento no nível escolar, sobretudo, por parte dos educadores que poderão introduzir a análise estrutural, mesmo em se tratando de análise de estruturas mínimas. Com o seu auxílio, cremos, os alunos terão ao dispor um princípio norteador para melhor compreender a língua fazendo sentido.

REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

- Amado, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Amora, Antônio Soares, **Minidicionário da língua portuguesa**, 19ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- Azeredo, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- Borba, Francisco da Silva. **Teoria sintática**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- _____ **Introdução aos estudos linguísticos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- Borges Neto, José. **Ensaio de filosofia da linguística**. - São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 2ª ed. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- Câmara Junior, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 27ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- Castilho, Ataliba T de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- Cibele Marques dos Santos. **Linguística e documentação**. _Disponível em <http://lndoc2004.blogspot.com.br/2005/09/algumas-definies.html>. Acesso em: 19 /11 /2012.
- Cunha, Celso; Cintra, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- Dubois, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973
- Fries, C.C. **The structure of inglês: na introduction to the construction of english sentences**. Londres: Longmans, Green and Co, 1957
- Hjelmslev, L. **Princípios de gramática general**. Madri: Gredos, 1976
- Holanda, Aurélio Buarque de. **Minidicionário da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

- Michaelis: dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2008.
- Bakhtin, Mikhail (Volochínov.). **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12ªed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- Mussalim, Fernanda; Bentes, Ana Cristina (orgs.). **Introdução à linguística.** 6ªed. São Paulo: Cortez, 2006.
- Oliveira, Rui de. **Neurolinguística e o aprendizado da linguagem.** 2ªed. Catanduva, SP : Respel, 2003.
- Cipro Neto, Pasquale; Infante, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa.** 2ªed. São Paulo Scipione, 2007.
- Palmer, L. R. **Introducción a linguística descriptiva y comparada.** Madri: Gredos,1975
- Perini, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____ **Gramática descritiva do português.** 4ªed. São Paulo: Ática, 2011.
- Rosa, Guimarães. **Sagarana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- Silva, Maria Cecília Pérez de Sousa e; Koch, Ingedore Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe.** 12ªed. São Paulo: Cortez, 2004.
- Rocha Lima, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro 4ª ed. São Paulo, UFMG, 2001
- Sintaxe de concordância.** Disponível em:
<http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/sint49.php> Acesso em: 11 /11 /2012.